

naquela noite: uma história de feminicídio

Adriana Merly Farias¹

No chão do quarto dos fundos, eu tentava me mover. Meu corpo doía, a cabeça latejava. E mesmo com a vista embaçada, pude vê-lo tremendo, roendo descontroladamente as unhas. Eu queria gritar, pedir socorro, mas não tinha voz. Minha mente oscilava entre o real e o imaginário enquanto eu tentava me libertar. De repente, meu corpo parou de doer. Um frio sinistro me alfinetava e eu já não sentia meus braços, nem minhas pernas. Somente o coração acelerava freneticamente. Não sabia até que ponto aquilo tudo era delírio, quando finalmente, com a vista agora mais nítida, pude vê-lo cobrindo um lençol sobre mim.

Apaguei e despertei minutos depois, no meio do nada.

Eu vagava num lugar sombrio tentando encontrar minha antiga casa. Eu queria voltar, mas não sabia para onde. E mesmo com tudo confuso, eu sabia que algo terrível havia me acontecido. No meio daquela agonia, a única sensação física que eu ainda sentia era uma dor na cabeça infernal. Então logo recordei a cena: os gritos, o empurrão, a queda. Eu e meu companheiro havíamos discutido, e num ímpeto de fúria ele me empurrou.

Sempre que se irritava, ele mudava de personalidade. Alterava a voz, quebrava um prato, um copo, ameaçava ir embora. Além dos gritos, chutes na porta, xingamentos ao longo de cinco anos.

Naquela noite, porém, foi a primeira vez que me agrediu fisicamente.

Nos últimos dias eu andava eufórica quando soube que seria promovida. Longe de ficar feliz, ele passou dias me atormentando, dizendo que eu não aguentaria a pressão, que não tinha inteligência emocional. Ficou me lembrando do dia em que chorei descontroladamente quando o cachorro morreu, de quando me irritei com a vizinha sem motivo, de quando tive crise de ciúmes só porque ele

¹ Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ), bacharel e licenciada em Letras- Português/ Inglês (Universidade Candido Mendes/RJ). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Campus Tauá). E-mail: adriana.merly@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1096-9706> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5744538130065887>.

chegou em casa de madrugada, e de outro quando eu fiquei histérica e gritei com a mãe dele. Sem falar que, se tivéssemos filhos, certamente seria preciso contratar uma babá porque sozinha eu não daria conta.

Tudo aquilo me provocou um surto de insegurança. E culpa. Eu me sentia culpada pelo fato do meu sucesso incomodá-lo. Ele estava frustrado por não ter tido a mesma sorte e eu não podia ser egoísta fazendo com que ele se sentisse diminuído. Tudo o que eu queria é que nossa vida voltasse ao normal. Mas que vida? Nada naquela relação, há muito tempo, já não me satisfazia. Havia algo irracional que me amarrava àquele relacionamento infeliz: medo de ficar sozinha, uma dependência física e emocional imaginária.

Naquela noite cheguei um pouco mais tarde. Eu queria contar sobre os meus primeiros dias no novo cargo, mas achei melhor evitar crises. Segui minha intuição e entrei sem fazer alardes. Mas não pude evitar. Todo sentimento de orgulho, entusiasmo e prazer, um prazer que não tinha a ver com ele, irradiavam em meus olhos. Foi o suficiente para humilhá-lo.

Ficou sério, calado por um tempo. Depois começou a reclamar da vida, do estresse do trabalho, das contas que só aumentavam, da sujeira, da bagunça da casa. Não demorou muito, com tom de ironia, perguntou sobre o motivo da minha felicidade. Fiquei calada. Tudo o que eu queria era tomar um banho, descansar, mas como ele não ia me deixar em paz enquanto não começássemos uma briga fui para o quarto dos fundos, que era para onde eu ia sempre que queria evitá-lo. Às vezes funcionava. Eu ficava lá por um tempo, naquele cubículo quente, desconfortável, até ele me esquecer.

“Tô falando contigo, porra!”

Francamente eu não queria brigar. Uma estranha rejeição que passou a me dominar. Por que mesmo eu continuava com aquele homem?

“Tá se achando? Se olha bem no espelho.” Achei melhor sair dali antes que ele começasse. Não seria a primeira vez que ele me faria sentir uma imbecil, uma velha que não se enxerga, uma puta que se faz de santa. E, antes que eu pudesse sair do quarto, ele me pegou pelo braço.

“Me solta, seu babaca nojento!” Não era a primeira vez que brigávamos daquele jeito, trocando ofensas. Raramente eu reagia, por vergonha dos vizinhos. Mas, quando acontecia, era ele quem dominava o jogo.

Finalmente soltou meu braço. Depois se fez de vítima e ameaçou fazer as malas, esperando que eu implorasse perdão, como nas outras vezes. Naquela noite, porém, não houve pedido de desculpas, nem choro, nem palavras doces. Estranhando meu comportamento e meu olhar de desprezo, ele recuou. Tivemos alguns segundos de tregua, até eu pegar meu celular e me dirigir até a porta. Tudo naquele quarto asqueroso estava me sufocando. Revoltado, ele pegou meu celular

e arremessou na parede. Por fim, perguntou quantas vezes eu tinha transado com meu chefe, porque inteligência e capacidade profissional eu não tinha.

Indignada, arremessei meu celular de volta em sua direção. Trocamos mais ofensas. “Cala a boca, piranha!”, e como eu não obedecia decidi mostrar quem tinha a força. “Mande calar a porra da boca!”, e quase esmagando meus dois braços me atirou com toda fúria contra a parede. Segurei o choro. Precisava sair daquele quarto, sumir daquela casa.

“Sai da minha frente.” Minha voz já estava embargada.

“Há quanto tempo você tá dando pra aquele gerentezinho de merda? Me fala! Responde, sua puta!”

Tentei empurrá-lo, tirá-lo do meu caminho, mas ele foi mais ágil e me empurrou de volta, com tanta força e ódio, que eu não tive onde me apoiar. No trajeto forçado até o chão, minha cabeça quase se abriu na quina de uma mesinha velha. Depois de quase cinco anos, naquela noite, eu me libertava. Determinado a me colocar de volta no meu lugar, ele entendeu que precisava fazer mais do que quebrar um objeto ou me insultar. Disposto a me anular pra sempre, me empurrou, traumatizando literalmente meu cérebro.

O homem que me matou está livre.

Ficou preso por um tempo, mas agressores e assassinos como ele são premiados com liberdade condicional, redução de pena, empatia e perdão da sociedade.

Meu assassino está livre pra reconstruir sua própria vida depois de ter tirado a minha. Livre pra encontrar sua próxima vítima, a fêmea que ele atormentará, e quando ela quiser se libertar ele não hesitará em empurrar, ou quem sabe dar um soco, esfaquear, apertar o gatilho. Em pouco tempo sairá da prisão e a morte dessa mulher será esquecida como a minha.